

# Clark Fala do Túmulo

Gordon Haddon Clark

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com)

Nota do editor: Mais de um ano antes dele morrer em Abril de 1985, o dr. Gordon H. Clark tinha preparado um ensaio intitulado *Clark Speaks from the Grave* [Clark Fala do Túmulo], pretendendo que o mesmo fosse publicado após sua morte. A *Trinity Foundation* publicou agora a palestra como um livro pequeno. O que se segue são breves excertos a partir da palestra na qual o dr. Clark responde a alguns dos seus críticos: Cornelius Van Til, Vern Poythress, Robert Reymond, Gordon Lewis e John W. Montgomery.

Em todos os seus críticos ele encontra duas falhas: uma “recusa básica em dizer o que eles querem dizer”, e uma recusa básica em defender o Cristianismo contra a filosofia do mundo. A apologética cristã no século vinte, na extensão em que é anti-Clark, é um fracasso. Ela falha porque é empírica, ou irracional, ou ambas as coisas. Com defensores da fé como Van Til, Poythress e Montgomery, o Cristianismo não precisa de nenhum inimigo.

Críticas contra a obra de Gordon H. Clark feitas por teólogos reformados, e alguns outros, dificilmente mencionam os detalhes da sua teologia como declarada em seu livro *What Do Presbyterians Believe?* [Em que os Presbiterianos Crêem?] e seus vários comentários sobre os livros do Novo Testamento. Se há algumas objeções teológicas, tais como aquelas contra sua visão da incompreensibilidade de Deus em *A Complaint Against the Philadelphia Presbytery of the Orthodox Presbyterian Church* [Uma Reclamação Contra o Presbitério da Filadélfia da Igreja Presbiteriana Ortodoxa] (uma reclamação delegada pelos detratores de Clark contra o presbitério, pois o mesmo votou em 1944 para ordenar Clark), essas objeções teológicas rapidamente se tornarão mais filosóficas e epistemológicas. Ao invés de ser estritamente exegéticas, elas são direcionadas contra seu alegado “racionalismo”. Naturalmente, a teologia e a filosofia permeiam uma a outra. Esta controvérsia, na qual após cinco anos a Assembléia Geral recusou repreender o Presbitério, continuou no nível acadêmico até sua morte. Visto que as muitas publicações de Clark foram lidas e criticadas por estudiosos fora daquela denominação, a controvérsia filosófica ou apologética é digna de estudo cuidadoso.

A partir do ponto de vista filosófico, até onde alguém pode apelar à antiguidade, ela foi uma controvérsia entre Platão e Aristóteles, ou, em termos cristãos, entre Agostinho e Aquino. Naturalmente, este apelo não pode ser interpretado de maneira muito exata, pois Cornelius Van Til, que forneceu o conteúdo básico da *Reclamação*, é melhor conhecido como um Pressuposicionalista e não como um Aristotélico. Todavia, e inconsistentemente como possa parecer, ele sempre manteve que o argumento cosmológico para a existência de Deus, embora

defeituoso como expresso por Aristóteles e Aquino, pode ser rephraseado para se tornar logicamente convincente. Desafortunadamente, ele nunca explicou como.

A deficiência de Van Til nesse ponto é uma razão, embora uma razão menor, pela qual reconhecemos que a controvérsia dizia respeito basicamente e fundamentalmente à natureza da lógica e o seu uso na teologia. Mas o contexto está bem além daquele da Igreja Presbiteriana Ortodoxa e o Seminário de Westminster. No meio do século dezenove, Soren Kierkegaard denunciou a lógica e instalou a paixão sobre o trono da teologia. Para ser um cristão, uma pessoa deve crer em contradições. Karl Barth continuou com o paradoxo; e Emil Brunner declarou que Deus e o meio de conceitualidade *schliessen einander aus* — são mutuamente exclusivos. Dooyeweerd e seus seguidores, incluindo Van Til, usualmente não eram tão extremos. Mesmo assim, Van Til afirmou que “não ousamos manter que seu [de Deus] conhecimento e nosso conhecimento coincidem *em algum ponto*” (*A Complaint*, p. 5, col. 3, itálico dele ou deles). Alguns dos estudantes de Van Til desde então têm tentando produzir uma apologética cristã rejeitando a lei da contradição e combinando empirismo, apriorismo e irracionalismo num diamante sintético de muitas facetas. De qualquer forma, uma coisa não pode ser negada: A natureza e o uso da lógica na teologia é neste século uma questão de grande importância.

Em adição à utilidade e indispensabilidade das formas lógicas “triviais”, “banais” e “vazias”, que sozinhas determinam que duas declarações são contraditórias, ou contrárias como possa ser o caso, o uso mais comum enche os vazios *a's*, *b's* e *c's* com ursos, estrelas e a representação federal de Adão. Não há nenhuma forma de estabelecer algum artigo do credo, muito menos um sistema de doutrina tal como a *Confissão de Westminster*, sem encher a forma com conteúdo da Escritura. Em vista dos comentários de Clark sobre vários livros do Novo Testamento, é ridículo acusá-lo, como alguns dos apologistas mais ignorantes têm feito, de proceder sobre a base da lógica somente. Lógica somente dá:  $A(ab) A(bc)$  implica em  $A(ac)$ . Teologia argumenta: Todos os pecadores estão debaixo da ira e maldição de Deus; Todos os homens são pecadores; portanto, todos os homens estão debaixo da maldição de Deus. Ou, Todos que são justificados como Abraão são justificados pela fé; Todos que são justificados são justificados como Abraão; portanto, todos que são justificados são justificados pela fé. Isso pode soar acadêmico, banal e inútil; mas Paulo não pensa assim em sua carta aos Gálatas. Passos tais como estes devem ser usados na formulação de toda doutrina cristã. Outro passo, até mesmo um passo anterior, é a definição de justificação. Sobre as bases que Poythress propõem, uma pessoa não saberia quando, ou mesmo se, um replicante queria dizer o que Calvino e Hodge queriam dizer, e quando, ou mesmo se, Poythress queria dizer a definição Católica Romana que confunde justificação com santificação.

Esta banalidade técnica, professoral e acadêmica tem sérias implicações para a ordenação de candidatos prospectivos ao ministério. Os votos de ordenação da Igreja Presbiteriana Ortodoxa, à qual a maioria dos oponentes ativos de Clark pertencia, continham a pergunta: “Você recebe e adota sinceramente a *Confissão de Fé* e os *Catecismos* desta igreja, como contendo o sistema de doutrina ensinado nas Sagradas Escrituras?”. Agora, totalmente aparte do fato de que sem a lei da contradição “sinceramente” pode significar “insinceramente”, o candidato pensa consigo mesmo – ou, antes, já pensou –

que o termo *sistema* tem vários significados. Ele pode significar o sistema aritmético de numeração de um a trinta e três; oras, certamente eu creio que isto é um sistema. Se a examinação presbiterial anterior o questionasse sobre justificação como uma sentença judicial e divina, ele poderia dizer: “sim ela é”; e (para si mesmo) que ela é também um processo duradouro de boas obras. Ela é tanto instantânea como temporalmente estendida. Uma pessoa não deve se sujeitar às trivialidades banais da lei da contradição. Além do mais, “receber e adotar” é uma frase sem significado preciso. Eles são termos confusos, e em algum sentido ou outro eu recebo e adoto a *Confissão* como contendo as terminologias vagas da Escritura.

Realmente isto foi feito, embora não tão professoralmente, por centenas de candidatos na Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos até eles alterarem os votos de ordenação em 1967.

Visto que as reclamações contra Clark aqui são frequentemente dependentes da ausência de definições e a recusa (de seus críticos) de defender uma teoria alternativa, o apologista ofendido poderia replicar que é desnecessário ter alguma filosofia positiva para mostrar que as visões de Clark são inaceitáveis. Ele viola o senso comum, restringe severamente o conhecimento, e até mesmo se contradiz. O que ele diz simplesmente não pode ser verdade. Dessas objeções a acusação de auto-contradição parece até menor do que os outros requererem um sistema alternativo para suportá-lo.

Contudo, se os críticos usam a lei da contradição, Clark pode perguntar: Por qual teoria você justifica seu uso desta lei? Como você chegou a aprender os requerimentos da lógica? O crítico é então confrontado com a necessidade de justificar seu próprio método, pois meramente afirmar que Clark se contradiz não é, isoladamente, uma refutação suficiente. Ela assume sem fundamentação um dos pontos em questão. Isto deveria ser ainda mais evidente desde os dias de Kierkegaard e Barth. Ambos aceitaram e defenderam explicitamente posições contraditórias. O primeiro se apoiou numa paixão infinita e o outro no paradoxo. Se os apologistas empiristas pudessem convencer Clark de auto-contradição – e suas tentativas estão longe de serem bem sucedidas – eles ainda teriam que defender alguma teoria ou outra para refutar sua neo-ortodoxia existencial. Portanto, Clark pode legitimamente perguntar-lhes se eles baseiam a lógica deles na observação sensorial, e isto é impossível, ou se eles são Kantianos, para serem destruídos por Hegel. Uma pessoa deve por causa disso rejeitar a idéia de que Clark pode ser refutado sem uma pessoa aceitar qualquer base sistemática definida para a refutação, e por conseguinte, suas objeções às omissões deles são justificadas.

Há outro ponto que precisa ser mencionado. Ele deve ser na forma de uma nota de rodapé, ou parêntese – pois, embora até aqui tudo tem sido bem documentado – isto depende mais de conversações, uma ou duas cartas, e talvez de alguns artigos pequenos, do que de um material publicado. Mesmo assim, ele é de tremenda importância. Para evitar e refutar a posição de Clark, alguns dos discípulos de Van Til sustentam que Deus não pensa em proposições, e, por conseguinte, depender da “mera lógica humana” é uma bengala não confiável. Para isto Clark tem duas respostas. Primeiro, ele observa que seus oponentes não citam nenhuma passagem bíblica na qual isto é declarado, nem eles

deduzem isto por alguma “conseqüência boa e necessária” a partir de um grupo de tais premissas. De fato, visto que a Bíblia é noventa por cento proposicional – mandamentos e atribuições de louvor sendo as exceções – seria antes peculiar se a Bíblia negasse suas próprias verdades. Então, em segundo lugar, se Deus não pensa em proposições, como ele pôde nos dar toda a informação agora contida nos sessenta e seis livros? Se ele não pensa que “Davi era Rei de Israel”, como ele pode ter estruturado esta proposição para nossa instrução? Ou, pior ainda, se dizemos que Deus não pode pensar em proposições, negamos sua onipotência. E se pensamos em proposições e Deus não, então a declaração de Van Til seria verdadeira, ou seja, que o conhecimento de Deus e o nosso não coincide em nenhum ponto. Visto que “conhecemos” que “Davi era Rei de Israel”, Deus não pode conhecer isso, e portanto, ela é uma informação falsa. Assim, todos os Evangelhos e o Cristianismo é uma ilusão.

Após tal argumentação tal vigorosa, é necessário engajar numa repetição para produzir um ou dois parágrafos conclusivos? Se não é necessário, pode, todavia, ser útil para aqueles que tem memórias curtas, e também para aqueles do público que não fazem nenhuma alegação de competência em apologética. Aqui então estão alguns dos pontos nos quais Clark costumava insistir.

Do princípio ao fim, Clark deu inúmeros exemplos dos fracassos dos seus críticos em definir seus termos básicos. Poythress se orgulha em ser ambíguo. Os outros pelo menos omitem o orgulho; mas isso não repara a ignorância deles do que é uma sensação, nem a ausência de algum relato de percepção e imagem. Virtualmente todos os componentes essenciais de um argumento racional contra Clark estão ausentes. Ou seja, eles dependem de afirmações não comprovadas.

A seguir, eles alegam corroboração científica sem ter estudado física. Um deles fez observações ridículas sobre o operacionalismo. Outro discutiu a lei da gravidade sem saber o que ela é. Nenhum deles analisou a metodologia e procedimentos reais usados nos laboratórios. Então também, onde se esperaria uma maior competência, os apelos deles à Escritura exemplificam uma exegese impossível; e onde a Escritura apóia Clark, eles permanecem calados.

Mais alguns outros entenderam e representaram incorretamente a posição de Clark. O corpo do texto tem indicado um pouco de tais casos. Há também erros lógicos crassos, como quando um dos críticos confunde contrários com contraditórios. Então há a discussão conclusiva de individuação. Embora seja tão grande, quase o ponto principal em alguns dos seus livros, e omitido em mui poucos, a réplica mostrou a carência dos críticos de qualquer noção clara do que seja um indivíduo.

Por detrás de todas estas outras reclamações contra os apologistas, e permeando todos os escritos deles, está a recusa básica em dizer o que eles querem dizer. Eles não definem os seus termos, com o resultado de que suas objeções contra Clark são ininteligíveis. Certamente, Clark se alegrou no fato deles serem incapazes de refutar suas visões; mas ele estava genuinamente triste com outro resultado. Esses homens eram pretensos apologistas; e embora seja apropriado refutar uma defesa pobre do Cristianismo, um apologista, se lembrarmos 1Pedro 3:15, deve dirigir principalmente seus argumentos contra não-cristãos.

Colossenses 2:8, onde a *King James Version* é fraca, na realidade diz: “Tenham cuidado para que ninguém os escravize a filosofias vãs e enganosas, que se fundamentam nas tradições humanas e nos princípios elementares deste mundo, e não em Cristo” (NIV). Eles devem se engajar e refutar os argumentos de John Dewey, Herbert Feigl, Ernst Nagel, B. F. Skinner, Gilbert Ryle, e assim por diante. De outra forma o mundo tem fundamentos para escarnecer da incompetência dos apologistas, e o Cristianismo sofre. Certamente, a onisciência é um pouco difícil de conquistar, mas o primeiro e absolutamente indispensável passo é a definição de termos.

**Fonte:** <http://www.trinityfoundation.org/journal.php?id=36>